

As Contribuições do Messianismo para uma Hermenêutica Missiológica: Algumas Pistas

C. Timóteo Carriker

“A persistência do messianismo não tem
igual na história”
João Lúcio Azevedo

Preciso começar com um testemunho do meu envolvimento pessoal e acadêmico com o assunto. Nasci e fui criado dentro duma sociedade conhecidamente caracterizada pelo complexo messiânico. As raízes históricas deste complexo são altamente religiosas, derivando de dois movimentos revivalistas de grande impacto, que ainda marca a vida religiosa estadunidense.¹ Mas sua manifestação contemporânea mais expressiva se secularizou, se evidenciando na política e no folclore². Eu fui criado dentro deste clima geral e cultural. Além disto, no início dos anos 70, eu me envolvi com um movimento carismático, dominado por líderes que ocupavam papéis, às vezes, quase-messiânicos. Estas duas influências, uma geral e outra específica, me forneceram uma certa perspectiva êmica sobre o messianismo.³

¹ Exemplos disto variam desde a auto-promoção de muitos tele-evangelistas, até as estratégias paternalistas e mais sutis de muitas entidades missionárias estadunidenses que recusam relacionamentos de verdadeira parceria com órgãos eclesiásticos nacionais concretos para quem há uma prestação de contas.

² Exemplos clássicos incluem os heróis fictícios dos livros em quadrinhos como Super Homem e o Batman, ou os heróis de televisão que também possuem poderes geniais ou sobrenaturais, atuam sozinhos, representam o bem, são homens solteiros (as heroínas deste gênero nunca tiveram o mesmo sucesso) de valores tradicionais e sempre salvam a pátria.

³ Emprego o termo *messianismo* nesta reflexão como abreviatura da referência mais precisa de *messianismo milenarista*. Definições aparecem posteriormente no texto.

Quanto ao envolvimento acadêmico, em 1988 tive a oportunidade de passar oito meses unicamente pesquisando e estudando a literatura acadêmica existente a respeito de movimentos messiânicos e milenaristas em várias épocas históricas e em diversos continentes.⁴ Eu me espantei com a semelhança de certas características entre os vários grupos, apesar das suas diversas origens e situações históricas. Ao mesmo tempo, me deparei com a complexidade de análise por cientistas sociais e a dificuldade em chegar a consenso quanto às definições para conceituar adequadamente o fenômeno e as causas que levam ao surgimento.

Digo isto logo de início, como uma apologética pela limitação metodológica deste estudo. Antes duma reflexão analítica e conclusiva, apresento um estudo sintético, afirmativo e sugestivo. O espaço disponível nesta revista e a complexidade do assunto não permitem outra alternativa.⁵ Ao mesmo tempo, e a despeito da metodologia

⁴ O autor examinou aproximadamente 250 artigos e livros.

⁵ Também não pretendo relatar a história de algum movimento messiânico. Este relatos foram muito bem documentados em outros lugares e, de novo, o espaço não permite sua repetição. Veja, por exemplo, BARRETT, David. *Schism and Renewal in Africa: An analysis of six thousand contemporary movements*. Londres e Nairobi, Oxford University Press, 1968; COHN, Norman R. C. *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary Messianism in Medieval and Reformation Europe and Its Bearing on Modern Totalitarian Movements*. segunda edição (primeira, 1957). Nova Iorque, Harper & Row, 1961; DELLA CAVA, Ralph. *Miracle at Joazeiro*. Nova Iorque, Columbia University Press, 1970; FESTINGER, Leon, Henry W. Riecken and Stanley Schachter. *When Prophecy Fails: A Social and Psychological Study of a Modern Group that Predicted the Destruction of the World*. Nova Iorque, Harper & Row, 1964; LANTERNARI, Vittorio. *As religiões dos oprimidos. Um estudo dos modernos cultos messiânicos*. Tradução de G. G. De Souza do original italiano (*Movimenti religiosi di libertà e di salvezza dei popoli oppressi*, 1960). São Paulo, Editora Perspectiva, 1974; MONTEIRO, Douglas T. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo, Duas Cidades, 1974 e "Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado." in *História Geral da Civilização Brasileira*. tomo III, v. 2, de B. Fausto. Rio de Janeiro, Difel, 1978; NEGRÃO, Lísias Nogueira and Josildeth Gomes Consorte. *O messianismo no Brasil contemporâneo*. São Paulo, FFLCH-USP/CER, 1984; PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O messianismo no Brasil e no mundo*. segunda edição revisada do original de 1965. São Paulo, Alfa-Omega, 1977

empregado, procurarei desenvolver um estudo integrativo. Neste caso, procuro integrar alguns paradigmas⁶ recentes do campo da física (a teoria de caos) e da filosofia das ciências (as formas não lineares de causalidade) com as contribuições mais sólidas das ciências sociais. Neste empreendimento repleto de ciladas procurarei distinguir e documentar consensos bem conhecidos pelos pesquisadores, pontos ainda problemáticos, e minhas próprias sugestões. *Um primeiro propósito* deste estudo, então, é de contribuir para a conceituação teórica da temática,⁷ especialmente, para os cientistas sociais. Desta forma,

e "Messias, taumaturgos e dualidade Católica" *Religião e Sociedade* 10:83-92, 1983; PESSAR, Patricia R. "Unmasking the Politics in Religion: The Case of Brazilian Millenarianism," *The Journal of Latin American Folklore* 7, 1981 e "Millenarian movements in rural Brazil: prophecy and protest," *Religion* 12:187-213, 1982; QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e Conflito Social: A Guerra Sertaneja do Contestado*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1966; RIBEIRO, René. "Brazilian messianic movements" in *Millennial Dreams in Action. Studies in Revolutionary Religious Movements*. editado por S. L. Thrupp. segunda edição do original de 1962. Nova Iorque, Schocken Books. pp. 55-69, 1970; SIEGEL, B. J. "Contestado rebellion, 1912-16: a case study in Brazilian messianism and regional dynamics" *Journal of Anthropological Research* 33:202-213, 1977; VENEU, Marcos Guedes. "A Cruz e o Barrete. Tempo e história no conflito de Canudos," *Religião e Sociedade* 13/2: 38-56, 1986; WILSON, Bryan R. *Magic and the millennium: a sociological study of religious movements of protest among tribal and third world peoples*. Nova Iorque, Harper & Row, 1973; e WORSLEY, Peter. *The Trumpet Shall Sound: A Study of "Cargo" Cults in Melanesia*. segunda edição do original de 1957. Nova Iorque, Schocken Books, 1968.

⁶ Thomas Kuhn, que introduziu o conceito de "mudanças paradigmáticas" na ciência, esclareceu recentemente o que quis dizer por paradigma. Para ele, um paradigma é um experimento arquetípico ou uma "solução dum problema" que *implicitamente* define como os cientistas devem compreender a realidade. Os cientistas constroem sistemas elaborados de teoria e de metodologia em cima dum paradigma, mas estes sistemas nunca podem ser formalmente explicados. Dependem, em última análise das perspectivas subjetivas do experimento paradigmático ("Profile: Reluctant Revolutionary. Thomas S. Kuhn unleashed 'paradigm' on the world" in *Scientific American*, vol 264, nº 5 (maio de 1991), pp. 14-15.

⁷ A importância da teorização adequada para a compreensão dum dado objeto de estudo foi destacada pelo filósofo da ciência, Karl Popper: "A crença de que podemos começar com pura observação apenas, sem nada no sentido de teoria, é absurdo....A observação sempre é seletiva. Ela

proponho um **estudo hermenêutico**. Ao mesmo tempo quero demonstrar que o assunto é de grande valia para uma teologia contextual.

Durante pelo menos duas décadas, cientistas sociais e historiadores brasileiros têm valorizado a pesquisa dos movimentos messiânicos no Brasil, contribuindo significativamente para uma compreensão da transformação estrutural, configuracional e simbólica que estes movimentos realizam no seu ambiente social.⁸ No campo teológico, o mesmo não é verdade.⁹ Ou existe ignorância deste fenômeno tão significativo para a formação religiosa popular e a transformação social e política, ou referem-se ao messianismo prejurativamente. Por sua vez, o perjúrio se baseia em mal compreensões e imprecisões de definição. **O segundo e maior propósito** desta reflexão, então, é levar as contribuições das pesquisas pelos cientistas sociais à pauta do discurso teológico. Desta forma, proponho uma **reflexão missiológica**.

precisa dum objeto escolhido, uma tarefa definida, um interesse, um ponto de vista, uma problemática...[um] ponto de vista...para o cientista [é fornecido] pelos seus interesses teóricos, o problema específico sob investigação, suas conjecturas e antecipações, e as teorias que ele aceita como um tipo de pano de fundo: seu quadro de referência, seu 'horizonte de expectativas'" (citado em STENT, W. R. "An Interpretation of a cargo cult" *Oceania* 47:187-219, 1977).

⁸ Veja nota 5.

⁹ As exceções incluem: HOORNAERT, Eduardo e Riolando Azzi, Klaus vander Grijp e Benno Brod. *História da Igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a a partir do povo*. (Primeira Época.) segunda edição do original de 1977. Petrópolis, Editora Vozes, 1979; HAUCK, João Facundes e Hugo Fragoso, João Oscar Beozzo, Klaus van der Grijp e Benno Brod. *História da Igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a a partir do povo*. (Segunda Época: A Igreja no Brasil no Século XIX.) Petrópolis, Editora Vozes, 1980; HOORNAERT, Eduardo. *A Formação do Catolicismo Brasileiro: 1550-1800*. Petrópolis, Editora Vozes, 1978; MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O Celeste Porvir. A Inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo, Edições Paulinas, 1984.

Algumas Caricaturas Icônicas

O messianismo é frequentemente estereotipado como um epifenômeno, um sintoma ou pretexto de algo mais sinistro.¹⁰ Surgem popularmente as seguintes caricaturas: Primeiro, o messianismo é concebido como um contágio para ser isolado em quarentena (e.g., os mórmons marginalizados para Utah no final do século passado). Segundo, é visto como areia movediça que deve ser cercada para ninguém chegar perto (e.g., os Shakers americanos no início do século XIX, ou as campanhas noticiárias atuais contra a Igreja da Unificação). Terceiro, alguns consideram o messianismo como uma fervura lenta que precisa ser vigiada (e.g., a vigilância pela polícia de Catherine Théot em Paris entre 1793 e 1794). Movimentos messiânicos são considerados também como um tumor para ser lancetado (e.g., o aprisionamento belga de Simão Kimbangu e seus primeiros discípulos entre 1921 e 1957 e o sequestro inglês do profeta Birsa no nordeste da Índia em 1895). Finalmente, estes movimentos são tratados às vezes como explosões que precisam ser contidas (e.g., a guerra alemã contra o Maji Maji entre 1905 e 1906 e a preempção hoje pelo governo jamaicano da música rastafariana).

Estas avaliações negativas consideram o messianismo milenário como uma loucura coletiva perigosa, uma fantasia paranóica, uma descarga de profunda ansiedade e uma delusão cultivada pelo desespero. É compreendido como abortivo por natureza, tendo embutido nele o fracasso inevitável, já que faz falsas promessas.¹¹

¹⁰ MONTEIRO, *Os errantes do novo século*, p. 12, PESSAR, "Unmasking the Politics in Religion", p. 97.

¹¹ TALMON, "Millenarian movements", pp. 192ss. Uma perspectiva mais positiva dos movimentos messiânicos enfatiza seu realismo permeante e a sua racionalidade inerente, embora oculta. São integrativos em todos os níveis, individual e coletivo. A natureza revolucionária do messianismo faz com que seja um agente potente de transformação. Ela também ajuda a estabelecer uma ruptura para o futuro e assim serve como uma ponte entre o passado e o futuro. Também liga a religião à política.

Definições Preliminares:

Apesar da persistência destas caricaturas, os estudiosos, contrapondo-se a elas, começam a notar algumas características comuns entre as centenas de movimentos messiânicos espalhados historicamente e geograficamente. Surge, inclusive, um certo consenso quanto a sua definição. Portanto, diante das mal compreensões do assunto acima mencionadas, será necessária fazer uma série de distinções.

Crenças versus movimentos

É preciso, inicialmente, distinguir entre *movimentos* messiânicos milenaristas e *crenças* messiânicas milenaristas.¹² O primeiro se refere a um movimento coletivo de libertação dum conjunto catastrófico de condições atuais, de esperança na salvação, promovidas por um profeta que acredita ser divinamente chamado segundo uma inspiração místico-extática, geralmente um sonho ou uma série de visões: um movimento que pretende reverter a ordem atual injusta do mundo, cuja reversão se realizará duma perspectiva escatológica como um retorno para uma época (tempo) primordial e paradisíaca ou a chegada a uma terra (espaço) prometida.¹³

As *crenças* messiânicas milenaristas podem existir sem o movimento, mas o último sempre se inicia necessariamente pelo primeiro. "A comunidade sempre se organiza em torno do mito, mas o mito pode existir durante um longo período sem provocar qualquer

¹² A terminologia utilizada pelos pesquisadores deve ser compreendida como ferramentas mnemônicas, e não delimitações críticas.

¹³ Para outras definições importantes, veja: 1) da perspectiva da história das religiões, LANTERNARI, "Messianism: Its Historical Origin and Morphology," p. 70; 2) da perspectiva antropológica, CURRY, Donald E. "Messianism and Protestantism in Brazil's Sertão," *Journal of Inter-American Studies and World Affairs* 12(1970):416; 3) da perspectiva da antropologia simbólica, NEGRÃO E CONSORTE, *O messianismo no Brasil contemporâneo*, pp. 153s e PESSAR, "Unmasking the Politics in Religion", p. 111; e da perspectiva histórica e sociológica, QUEIROZ, *Messianismo e conflito social*, p. 287ss, PEREIRA DE QUEIROZ, "Messianic myths and movements" *Diogenes* 90 (1975), p. 78, e *O messianismo no Brasil e no mundo*, p. 383.

movimento".¹⁴

O pensamento messiânico

O pensamento messiânico possui certas características comuns apesar da sua diversidade histórica, étnica e estrutural. Primeiro, quando se preocupa mais com o Fim, é mais catastrófico; quando se preocupa mais com um Mundo Novo, é mais utópico. Em ambos os casos, há um processo de duas fases: a da redenção precedida por um catástrofe pré-milenar.¹⁵

Segundo, o pensamento messiânico é metafórico e numerológico. Os profetas milenários são colportores de sistemas simbólicos regionais. Terceiro, enquanto teoricamente adjunto à escatologia, na prática o pensamento messiânico escrutina mais o presente donde surgem questões urgentes de agência humana. Quarto, o pensamento messiânico mantém simultaneamente duas percepções do tempo, uma linear e uma cíclica, combinando as conceituações históricas e míticas do tempo.¹⁶

Quinto, assim como movimentos messiânicos enfocam lugares dourados, o pensamento messiânico enfoca eras douradas. Sexto, este pensamento procura leis de correspondência histórica entre o individualmente humano e o universalmente humano e discerne um padrão de eras históricas que prometem compleição e recapitulação. Sétimo, apesar do que se fala frequentemente, o pensamento messiânico, em última análise, é otimista. Oitavo, o pensamento messiânico se caracteriza pela homeopatia. Muitos profetas milenários alegam possuir poder terapêutico que se estende do corpo humano doente até o corpo político doente.

Nono, o pensamento messiânico é tanto inclusivo quanto

¹⁴ PEREIRA DE QUEIROZ, "Messianic myths and movements" p. 79; cf. *O messianismo no brasil e no mundo*, p. 46s.

¹⁵ Muitas destas características são elaboradas por TALMON, "Millenarian movements", pp. 174-79.

¹⁶ TALMON, *ibid.* p. 173, PEREIRA DE QUEIROZ, *O messianismo no brasil e no mundo*, pp. 403ss. Também sua percepção do tempo em que vive é pós-histórica, às vezes até pós-mítica.

exclusivo, partindo duma base particularista e atribuinte. O povo de Deus está por dentro e os profanos por fora. Décimo, às vezes o pensamento messiânico se caracteriza pelo curto ou médio prazo (o imediatismo e a urgência), e às vezes pelo longo prazo (adiamento). *Décimo primeiro*, às vezes ele é hipernomiano, com uma ênfase forte na disciplina pessoal, e às vezes é antinomiano, enfatizando o abandono do domínio próprio. E finalmente, sempre há uma orientação para o sobrenatural, pelo menos uma vez, no surgimento dum movimento.¹⁷

As fontes do pensamento messiânico são comumente de dois tipos: um fenomenológico e um histórico. Há dois reservatórios fenomenológicos profundos: um nomenal (aquilo que é concebido ou pensado através da razão e não pelos sentidos) e gnóstico e o outro, fenomenal (aquilo que é conhecido pela observação, os sentidos e a experiência imediata) e nomotético (referindo-se ao abstrato, ao recorrente e ao universal: formulando afirmações gerais ou leis científicas).

Quando os reservatórios se esvaziam um no outro — quando os matemáticos aludem ao conhecimento secreto, ou quando contempladores aludem às leis da física (como ocorreu no sul da China durante o século V, na Europa Ocidental durante o século XVII, e na América do Norte durante o século XX) — o milenarismo cresce fortemente. A alquimia e a astrologia, a física nuclear e a genética molecular compartilham com a magia cabalística e com a ioga tântrica uma apreciação pelas técnicas de predição e mutação. Popularmente contrastados aos “fanáticos” milenários, cientistas e místicos, de fato, têm sido essenciais à continuação do pensamento milenário; eles preservam uma preocupação intensa pelos processos de transformação e a pulsação do tempo.¹⁸

¹⁷ WILSON, “Millennialism in comparative perspective,” in *Comparative Studies in Society and History* vol. 6(1963), pp. 94, 98.

¹⁸ SCHWARTZ, “Millenarianism. An overview” in *The Encyclopedia of Religion*. Vol. 9. editado por M. Eliade. Nova Iorque, MacMillan, 1987. pp. 522.

A fonte histórica do pensamento messiânico é dominada por duas constelações. A primeira é a fluente zoroastriano-judaico-gregocristã. A outra é a hinduista-budista-taoista-confuciana.

Comum à estética milenária em todas as religiões mundiais é um cenário notável: uma inauguração calma e um final sedicioso para cada divisão da peça teatral; a circulação de dois protagonistas perto do Fim, um imperial, o outro sacramental; e um tempo no Fim que é na mesma instância um número bisado, um intermezzo, e um abrir das portas. O milenarismo permanece, portanto, em contraste com o pessimismo moderno que pinta miniaturas de devasso global, mas ainda não monta nenhum panorama dum mundo futuro maravilhoso. Embora as enchentes, as pragas, a fome ou a guerra possam provocar visões de morte coletiva, os milenaristas prometem mais que uma predição precisa de catástrofe. Prometem uma terra erguida além da segurança para a graça. Quando são mais catastróficos, os milenaristas insistem que uma tragédia clássica deve ser enfrentada com luta somente para alcançar uma era genuinamente boa. Desta convicção de drama derivam-se aqueles rituais socialmente descomprometedores de ruptura — a obscenidade, a nudez, o jejum, o celibato, a rebelião — tão coincidentes nos movimentos milenários. Quando são mais utópicos, os milenaristas desenfaticizam o pesadelo do ato final: a terra será transformada pela mera unanimidade. Através do evangelismo, da profecia, e de técnicas de tradução (fala em línguas, escrituras políglotas, malas diretas computadorizadas), as pessoas abraçarão, diante do desespero local, a mesma fé. Uma fé singular, calorosamente anunciada, deve vincular uma comunidade universal cuja própria existência efetuará a harmonia, a santidade, e a segurança há muito procuradas. Um tempo de crise então se transforma em em tempo de

redenção.¹⁹

As características dos movimentos messiânicos

As características dos movimentos messiânicos são divididas em dois tipos: as comuns, mas não essenciais por um lado, e as constantes e essenciais por outro. As características comuns mas não essenciais²⁰ incluem: 1) a revelação divina, uma ética nova e uma esperança renovada; 2) o entusiasmo ou a ruptura com tabus e a violação de convenções que liberam energia emocional, que por sua vez é canalizada para dentro do movimento e fornece um renascimento simbólico enquanto o movimento denuncia a ordem vigente; 3) o crescimento acelerado; 4) o gerenciamento e a cooperação; 5) a organização e a ordem; 6) operações econômicas extraordinárias²¹; 7) a autoctonia e 8) a iniciativa, a autoridade e o exercício de força.

Além destas características comuns, os movimentos messiânicos são constante e essencialmente²²: 1) coletivos; 2) dirigidos para este mundo (veja Figura 1 abaixo²³); 3) iminentes; 4) totais²⁴ e 5)

¹⁹ SCHWARTZ, *ibid.*, p. 524.

²⁰ Cf. TURNER, "A new field in the history of religions," *Religion: Journal of Religion and Religions* 1(1971), pp. 15s e TALMON, "Pursuit of the Millennium: The Relation between Religious and Social Change," *Reader in Comparative Religion: An Anthropological Approach*, editado por W. Lessa e E. Vogt. segunda edição. Nova Iorque, Harper and Row. pp. 522-537. reimpressão de *Archives Européennes de Sociologie*, III (1962):125-148, 1965. pp. 526-529.

²¹ A organização varia de efêmera e amórfica (a maioria) até o tipo seita, razoavelmente estável, segregada, e exclusiva.

²² Cf. TALMON, "Millenarian movements", pp. 166ss; PEREIRA DE QUEIROZ, *O messianismo no Brasil e no mundo*, pp. 30ss.

²³ WILSON, "Millennialism in comparative perspective," pp. 94ss.

²⁴ O milenarismo se referiu originalmente não a um estado final, mas a um de transição. Um elemento cósmico sempre está presente. O milenarismo se caracteriza por uma busca pelo tempo perfeito e pelo espaço perfeito. Cf. SHEPPERSON, George. "The Comparative Study of Millenarian Movements" in *Millennial Dreams in Action. Studies in Revolutionary Religious Movements*. editado por S. L. Thrupp. segunda edição do original de 1962. Nova Iorque, Schocken Books, 1970. pp.44-52; THRUPP, S. L., ed. *Millennial Dreams in Action. Studies in Revolutionary Religious*

últimos. Cohn afirmou que o milenarismo é um mito de salvação que é coletivo, terrestre, iminente, total e sobrenatural.²⁵ Assim ele distingue-o do utopianismo e do socialismo revolucionário que não se caracterizam pelo preparo para a salvação. Enquanto todos os três possuem um caráter político, no milenarismo este caráter deriva grandemente da sua inspiração no milênio.²⁶

**Figura 1:
O Quadro de Wilson**

	<i>Ultra-mundano</i>	<i>Mundano</i>
<i>Coletivo</i>	religiões tradicionais	movimentos milenários
<i>Individualista</i>	grupos "evangelicais"	seitas gnósticas

A Dinâmica

Até este momento, a nossa descrição dos movimentos messiânicos tem sido relativamente estática. Isto é típica da análise sociológica, especialmente das perspectivas sociológicas funcionalistas²⁷ e estruturalistas²⁸. Estes movimentos (repare o

Movements. segunda edição original de 1962. Nova Iorque, Schocken Books, 1970. pp. 11s, 22; TALMON, "Millenarian movements" p. 174; e PEREIRA DE QUEIROZ, *O messianismo no brasil e no mundo*, p. 403.

²⁵ "Medieval millenarism: its bearing on the comparative study of millenarian movements" in *Millennial Dreams in Action. Studies in Revolutionary Religious Movements*. editado por S. L. Thrupp. segunda edição do original em 1962. Nova Iorque, Schocken Books, 1971, pp. 31. Mas TALMON, "Millenarian movements", nega que a intervenção sobrenatural seja comum ao milenarismo.

²⁶ Cf. THRUPP, *Millennial Dreams in Action*, pp. 11ss, TALMON, *ibid.*, pp. 198ss; e BARKUN, *Disaster and the Millennium*. NEW HAVEN, Yale University Press, 1974, p. 8.

²⁷ WILSON, "Millennialism in comparative perspective," pp. 111s, sugere um programa para a análise funcionalista de novos movimentos religiosos durante várias fases do seu desenvolvimento. Uma observação dele em particular merece atenção:

termo “movimentos”), porém, não são estáticos. Somente podem ser compreendidos em referência a razão e ao alvo do seu desenvolvimento. E são justamente estes os pontos mais debatidos entre os pesquisadores. Creio que alguns descobrimentos pela física na área de teorias de caos, e a percepção maior pela filosofia da ciência na área de sistemas de causação ajudam muito a avançar este debate. Mas primeiro, resumimos os diversos modelos pelos pesquisadores do processo de desenvolvimento dum movimento messiânico.

O processo

Utilizando paradigmas da psicologia social, Anthony Wallace elaborou, nos anos 60, um modelo para descrever o desenvolvimento de movimentos de revitalização.²⁹ Embora não tenha tratado especificamente de movimentos messiânicos, este modelo influenciou a elaboração de outros modelos posteriores. Uma comparação de alguns destes modelos revela um consenso essencial de opinião apesar da terminologia variada e as divisões diferentes entre as fases de

Quando a autoridade constituída fracassa na sua reivindicação de legitimação, a ruptura deve prosseguir, e embora isto não seja em si uma questão primária, parece ser um ponto significativo no desenvolvimento de alguma nova reivindicação de autoridade...O fracasso sucessivo de autoridade, tanto a tradicional quanto a 'importada', pode ser altamente conducente para a busca por uma autoridade transcendente — um messias infalível e supremo.

²⁸ Prof. Maria Isaura Pereira de Queiroz (*O messianismo no Brasil e no mundo*) fornece a melhor análise conhecida pelo autor da organização social interna de inter- e intra-configuração social dos movimentos messiânicos em relação ao contato cultural. Ela observa que quando sociedades mantêm uma estrutura social estável, os movimentos messiânicos não aparecem (p. 145). E quando aquelas estruturas não são estáveis, três tipos de reações surgem para resolver a crise: a formação de sociedades globais, uma configuração interna ou uma formação e configuração de sociedades globais (p. 368). A elaboração por Pereira de Queiroz é essencial à compreensão da estrutura e configuração de movimentos messiânicos.

²⁹ “Movimentos de Revitalização” traduzido pelo Centro Evangélico de Missões em 1984 do original “Revitalization movements” *American Anthropologist* 58(1956):264-281.

desenvolvimento analisadas. A figura seguinte procura sintetizar estes modelos:

Figura 2:
O Desenvolvimento de Movimentos Messiânicos

<i>Schwartz</i>	<i>Stanner</i>	<i>Monteiro</i>	<i>Pessar</i>	<i>Pereira de Queiroz</i>	<i>Wallace</i>	<i>Smelser</i>
		a ordem passada	tese: a ordem dominante		velho estado estável	
expansão	tentativa de absorver o conteúdo do contato cultural	o desencanto	antítese: a liminalidade e a separação	contato entre duas culturas	tensão individual	tensão estrutural
				espera messiânica	distorção cultural	distorção das facilidades
						agentes mobilizadores
						normas
						valores
adstringência	tentativa de organizar uma solução para os problemas provocados pelo contato cultural	o reencanto	síntese: a <i>communitas</i> eterna	tentativa de realizar o paraíso terrestre e o surgimento dum messias	revitalização	reconstrução de valores
						normas
				organização dos adeptos no grupo		agentes mobilizadores
						facilidades da situação
	(fracasso)			espera e reformulação do mito	novo estado estável	

A causalidade

Uma das finalidades de identificar as fases de desenvolvimento dos movimentos messiânicos é tentar isolar a causa do seu surgimento. E é justamente neste ponto que há menos concordância científica em relação a movimentos de revitalização em geral, dos quais os movimentos messiânicos participam. Inglis chega até a negar a possibilidade de explicar as causas específicas e suficientes do surgimento destes movimentos, a não ser por uma certa disposição cultural para este fenômeno.³⁰ Oosterwal expressa um pessimismo semelhante, mas por outros motivos. Ele aponta para a qualidade *sui generis* da religião e afirma que os fatores sociológicos são mais “catálizadores” que causas.³¹

Os cientistas sociais, seguindo o modelo das ciências exatas, notoriamente se preocupam com a compreensão de causa e efeito daquilo que escrutinizam. Enquanto a causalidade é do interesse do missiólogo, este também se preocupa com a teleologia (tradicionalmente fora do campo de investigação científica), ou o *propósito* do fenômeno social que estuda. Mantendo em foco tanto a investigação científica de causas quanto a ponderação teleológica de propósitos, e com a ajuda das ciências exatas, creio haver possibilidade de chegar a uma interpretação mais acurada dos movimentos messiânicos.

Considerações teóricas referentes à causação

Quando se trata das causas de movimentos messiânicos e outros movimentos de revitalização, de modo geral as pressuposições filosóficas se baseiam excessivamente em sistemas fechados cartesianos de causação. Pressupõe-se que a causação seja de natureza

³⁰ Cf. JARVIE, L. C. “Theories of Cargo Cults: A Critical Analysis” *Oceania. A Journal Devoted to the Study of the Native Peoples of Australia, New Guinea, and the Islands of the Pacific* 34 (1963), pp. 1-31, 108-136, e a resposta de STANNER, W. E. H., *The South Seas in Transition*. Sydney, 1953.

³¹ Cf. RIBEIRO, “Brazilian messianic movements”, pp. 64s.

linear e equilibrada. Por linear, quer dizer que a causa gera um efeito e que este não retorna para aquela. São fenômenos distintos, sendo o efeito necessariamente posterior à causa. Por equilibrado, quer dizer que o efeito é proporcional à causa. Este tipo de causação fornece uma base importante para as leis da física clássica, aliás para as ciências exatas em geral. Existe, entretanto, um outro tipo de causação grandemente ignorado pelas ciências sociais³², mas cada vez mais reconhecido pelos físicos (na lei da entropia), pelos biólogos (nos sistemas orgânicos), e pelos químicos (nas reações de difusão molecular): a causação não-linear de não equilíbrio. Alicia Juarrero Roqué observa:

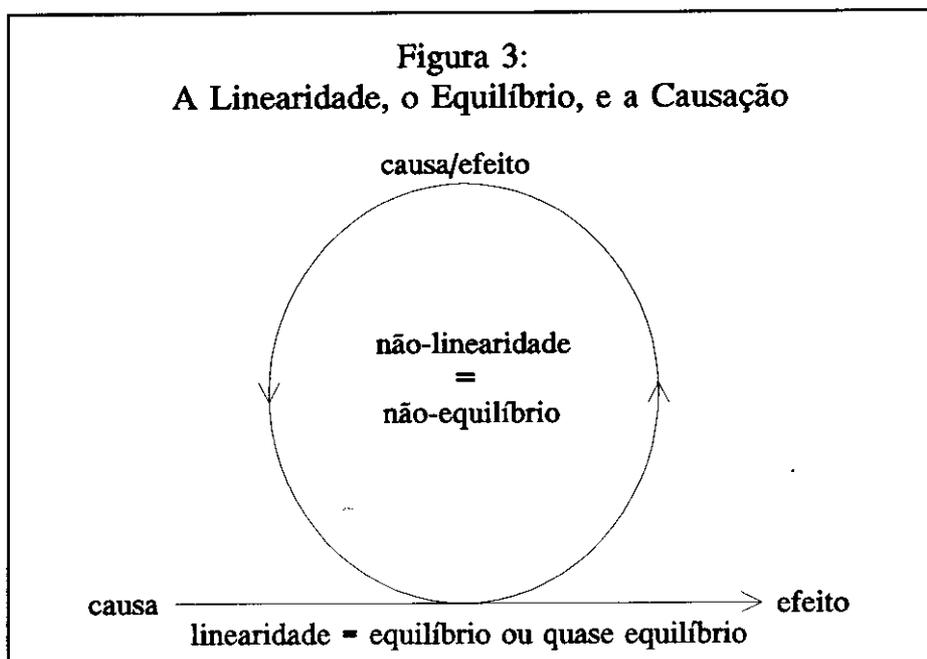
Enquanto os fenômenos atemporais bem como os fenômenos temporais mas linearmente organizados podem ser explicados pelo modelo dedutivo-nomológico (tal como aquele usado pelas ciências exatas), os fenômenos com uma *história*, e em particular, as ações, podem ser melhor explicados hermeneuticamente porque eles são não-linearmente organizados.³³

Um exemplo deste último tipo de causação é a orgânica (e.g., o crescimento duma árvore). Não como a causação mecânica segundo a qual somente uma força *externa* ao corpo poderá causar uma mudança, na causação orgânica, um fim físico (neste caso, a finalidade biológica) é tanto causa quanto efeito e assim pode ser propriamente denominado final (veja a Figura 3 no final deste estudo).³⁴

³² Na raiz desta ignorância está uma dificuldade pelos cientistas sociais de desenvolver uma teoria coerente do tempo. Tal teoria, segundo Alvin Toffler no prefácio do *bestseller* internacional *Order Out of Chaos*, poderá abranger várias disciplinas, desde a ciência política até a dinâmica de grupos e a psicologia interpessoal (PRIGOGINE E STENGERS, *Order Out of Chaos, Man's New Dialogue with Nature*. Nova Iorque, Bantam Books, 1984, p. xvii).

³³ ênfase acrescentada, "Non-linear phenomena, explanation and action" in *International Philosophical Quarterly*, vol. XXVIII, nº 3 (setembro de 1988), p. 247.

³⁴ GILL, Jerry, "Mediated meaning: a contextualist approach to hermeneutical method" in *The Asbury Theological Journal*, vol. 43, nº 1



De acordo com o físico e filósofo de ciências russo, e ganhador do prêmio Nobel em 1977, Ilya Prigogine, todos os sistemas contêm subsistemas que estão continuamente “flutando”. Às vezes, uma única flutuação ou uma combinação delas pode ser tão poderosa, que como resultado de *feedback* positivo, quebra a organização preexistente. Neste momento revolucionário, “o momento singular”

(1988), p. 33, cita o psicólogo social, George Herbert, que disse que os processos ou respostas orgânicos constituem o objeto para o qual eles são respostas.

ou “o ponto de bifurcação”,³⁵ é impossível prever a direção que a mudança tomará. O sistema pode se desintegrar em “caos” ou dar um salto para um novo nível mais alto e mais diferenciado de “ordem”, ou de organização que Prigogine chama de “estrutura dissipativa”.³⁶

Como resultado de causação organísmica, então, surgem estruturas dissipativas. Estas exigem autocatálise³⁷, auto-organização e são irredutivelmente *históricas*. Seguindo a analogia da termodinâmica de não-equilíbrio, estas estruturas manifestam verdadeira criatividade e emergência. Isto é, os processos dissipativos se organizam em estruturas estáveis que, por sua vez e depois de alcançar uma fase crítica de não-equilíbrio, podem assim evoluir em estruturas mais altas e meta-estáveis.

Mais uma observação referente às estruturas dissipativas: dentro de estados estáveis (a termodinâmica de equilíbrio), os modelos dedutivo-nomológicos funcionam muito bem. Mas entre os estados, nas transições recursivas—tais como as estruturas dissipativas—somente resta a narrativa *ex post*, mais análoga à dialética na hermenêutica sobre a relação entre “as partes” e “o todo”.³⁸

³⁵ As perspectivas ganhas da teoria do caos são indispensáveis para entender estes “momentos singulares”. Num sistema caótico, o efeito sempre é desproporcional à causa. O matemático francês, Henri Poincaré, no início do século, reconheceu que um fenômeno fortuito e imprevisível pode ocorrer em sistemas onde uma mudança pequena no presente causa uma mudança muito maior no futuro. Para mais estudos em português sobre caos, veja a série de artigos publicado na FOLHA DE SÃO PAULO em 3, 10, 17, 24 de novembro e 1, 8, 15 e 22 de 1989; GLEICK, James, “A face oculta do caos” em *Superinteressante* (setembro de 1989), pp. 18-29 e o livro do mesmo autor, *Caos, a criação de uma nova ciência*, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1989. A discussão contemporânea pode ser acompanhada através de inúmeros artigos na revista americana, *Scientific American*.

³⁶ As estruturas físicas ou químicas são denominadas dissipativas porque, comparadas com as estruturas mais simples que substituem, exigem mais energia para sua sustentação.

³⁷ cujo produto é necessário para o processo em si, cuja não-linearidade leva via instabilidade para a irreversibilidade.

³⁸ Roqué 1988:250s. A teoria do caos estabelece um novo desafio para a perspectiva reducionista em que um sistema pode ser compreendido

Movimentos messiânicos como estruturas dissipativas

A contribuição maior do presente estudo é a sugestão de que os movimentos de revitalização em geral, e os movimentos messiânicos especificamente são estruturas dissipativas sociais que, ao invés de representar aberrações sociais patológicas, fornecem a *possibilidade* através dos seus mecanismos configuracionais para a transformação estrutural duma organização preexistente. Como estruturas dissipativas, estes movimentos podem ou se desintegrar em caos ou dar um salto para uma nova organização mais alta e mais diferenciada de ordem.

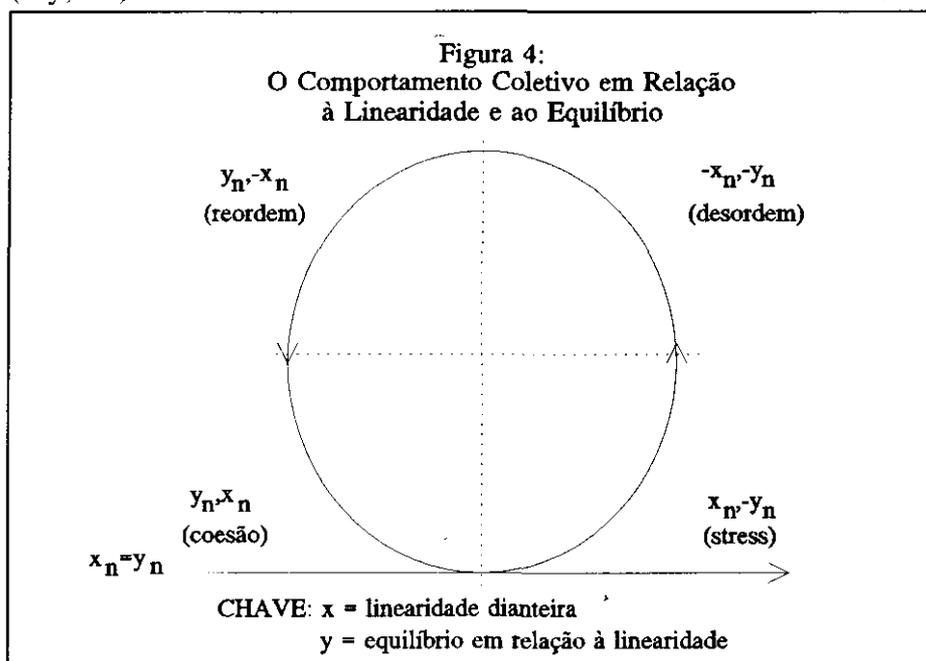
Algumas observações por cientistas sociais ajudam a sustentar esta tese. Neil Smelser, por exemplo, reparou que não há determinantes típicos e específicos para movimentos orientados para novos valores³⁹, tais como movimentos messiânicos. Nenhum fator possui um papel abstrato. O desdobramento temporal ou a seqüência destes movimentos não corresponde necessariamente a uma prioridade lógica de determinantes.⁴⁰ A Figura 4 tenta demonstrar este processo seguindo o paradigma de causação não-linear e de não-equilíbrio. Resumindo o processo de desenvolvimento dos movimentos messiânicos que a Figura 2 documenta a quatro—stress, desordem, reordem, e coesão—temos o seguinte esquema. Primeiro, o stress ou a tensão cultural afasta o movimento do equilíbrio estrutural que caracteriza a *organização preexistente*, dando-lhe um valor matemático negativo (-y), enquanto os futuros seguidores continuam a participar

pelo seu desmantelamento e o estudo das suas partes. O caos demonstra que um sistema pode se caracterizar pelo comportamento *complicado em* consequência de interações não-lineares e simples de apenas poucos componentes.

³⁹ Segundo Neil Smelser, movimentos orientados para valores surgem quando os meios alternativos para reconstruir a situação social são percebidos como indisponíveis. Esta indisponibilidade tem três aspectos: o grupo insatisfeito se sente incapaz de reconstituir as facilidades, mobilização e os componentes normativos e então procura a reconstituição dos componentes de valores (*Theory of Collective Behavior*. Nova Iorque, Free Press, 1962, pp. 313-25).

⁴⁰ *Ibid.*, pp. 379ss.

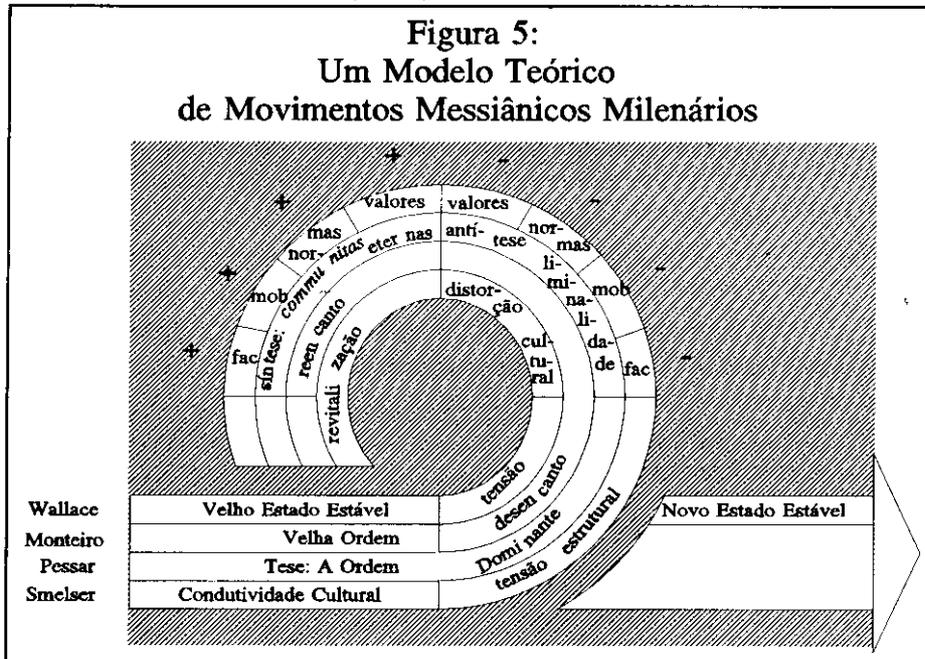
na história da organização preexistente, dando-lhe ainda um valor positivo (+x). A tensão leva a insatisfação cada vez maior a tal ponto que a desordem se evidencia cada vez mais, e os seguidores começam a se afastar da história (linearidade) e da estrutura (equilíbrio) da organização preexistente, dando-lhe os dois valores negativos, (-x,-y). É neste momento que o movimento, como uma estrutura dissipativa, pode se desintegrar, ou saltar para uma nova ordem posterior⁴¹ de organização. No primeiro caso, a trajetória -x,-y, se prolongada, leva para uma eventual desintegração. No segundo caso, há primeiro uma tendência para um novo equilíbrio (+y, mas ainda -x) pela reordenação da comunidade messiânica, que depois leva a uma nova história dianteira (esta vez, orientada para o futuro) pela sua coesão (+y, +x).



A qualidade dissipativa dos movimentos se evidencia pela sua

⁴¹ Na física, tal organização posterior é considerada tecnicamente "mais alta", por que requer mais energia para atingi-la.

capacidade de transformar a organização estrutural da sociedade vigente numa nova sociedade com novos valores, novas normas, novos agentes mobilizadores e novos facilitadores da situação. Isto está coerente com a observação de Monteiro de que os movimentos messiânicos são formações mediadoras, agentes, e não meros refletores de mudança (veja Figura 5).⁴²

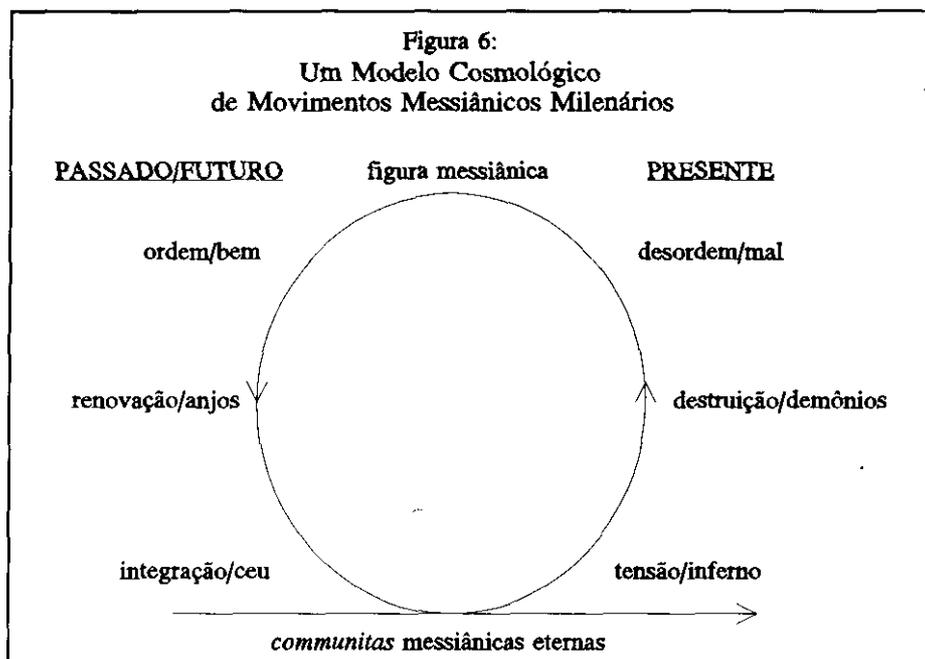


Implicações para a Ciência da Religião

Integração de paradigmas

O estudo de movimentos messiânicos ilustra bem a necessidade de integrar várias metodologias das ciências sociais. O messianismo e o milenarismo são intimamente ligados ao processo de mudança

⁴² *Os errantes do novo século*, pp. 197-204; cf. PESSAR, "Unmasking the Politics in Religion", pp. 250s.



cultural. Portanto, dificilmente serão interpretados apropriadamente dentro do quadro de referência teórico do estruturalismo funcionalista. Ao invés disto, sendo que a tensão e o conflito social são características comuns destes movimentos, as teorias de conflito social devem ser mais exploradas. Porém, uma precaução se faz necessária: enquanto os fatores econômicos e políticos podem ser significantes (até causalidades?), até mesmo na Melanésia aonde os fatores econômicos são mais aparentes, estes fatores se exprimem através de crenças e ações religiosas e entusiásticas. Por esta razão, as teorias de conflito que são reducionistas ou para fatores meramente econômicos ou para fatores políticos, ou para ambos, devem ser suspeitas. Possivelmente, as duas perspectivas, simbólicas e de conflito social, à medida que se complementem, se provarão mais úteis.

Segundo, chegou a hora em que os modelos científicos sociais podem emprestar mais das ciências exatas. O novo discurso físico, no que se refere à teoria quantum e ao caos, na medida que trata aquela de participação pelo observador e esta de efeitos desproporcionais à

causa, facilitam tal integração. Maior precisão e explicitação no desenvolvimento dos nossos modelos teóricos fornecerão maior possibilidade de provação e desprovação. Mas mais importante ainda, fornecerão esquemas mais convincentes de interpretação. Pois no final das contas, a hermenêutica é a base filosófica das ciências humanas, e as ciências sociais ainda muito devem às ciências humanas.

Implicações para uma Hermenêutica Missiológica

O estudo do messianismo é do interesse missiológico por vários motivos. Primeiro, o messianismo é um fenômeno cuja compreensão adequada exige o emprego de métodos de análise tanto diacrônicos (história, processos, desenvolvimento) quanto sincrônicos (estrutura, configurações e a dinâmica interna), e assim é condutivo a metodologias integrativas. A relevância da integração de paradigmas diacrônicos com as sincrônicos é cada vez mais reconhecida por teóricos missiológicos.

Segundo, o estudo do messianismo é essencialmente o estudo de mudança cultural, estrutural e religiosa, e por conseqüente, de conversão, da difusão de idéias, da transformação de cosmovisão, de padrões de liderança local e de organização social. Todos estes temas são críticos para a comunicação transcultural e a evangelização transformacional.

Terceiro, o estudo do messianismo nos ajuda a compreender a nossa própria fé, de origens revitalísticas e milenaristas. Aliás, a história mais dinâmica da expansão da fé cristã é carregada destes elementos revitalísticos e milenaristas.

Quarto, porque os movimentos messiânicos reinterpretem com tanto êxito os símbolos religiosos tradicionais de acordo com sua nova situação social e através do entusiasmo religioso, o estudo deles pode fornecer pistas esclarecedoras para as questões de contextualização, o reavivamento cristão, decisões coletivas por meio de movimentos de povos inteiros, e os movimentos cristãos dinâmicos de protesto (o anabatismo, o adventismo, os as Igrejas Africanas Independentes, etc.).

Quinto, os movimentos messiânicos efetuam a mudança social

a partir do cerne da sociedade, afetando instituições e valores sociais, e assim realizam mudanças difundidas e autóctones desde o início. Este tipo de transformação de valores, normas e instituições na sociedade é de primordial interesse para uma missiologia que promove uma evangelização integral e ampla.

Sexto, o missiólogo nórdico, Oosterwal, já há muito tempo alertou que os movimentos messiânicos resultam da evangelização atomística (parcial e categorizada) e não da evangelização wholfística.⁴³ Sendo assim, urge ouvir transparentemente as reivindicações que estes movimentos fazem em relação ao cristianismo tradicional.

E sétimo, é de suma importância para a atuação missionária reconhecer que os movimentos messiânicos evidenciam crenças genuinamente autóctones (mitos primais) num salvador vindouro, a ressurreição dentre os mortos, e a irrupção dum reino do bem para abolir o mal. São ingredientes essenciais para a eclosão da fé bíblica e um movimento capaz de transformar uma velha ordem dominante.

⁴³ "Cargo cults as a missionary challenge", *International Review of Mission* 56(1967), pp. 474s.